

Artigo recebido em:

17.04.2016

Aprovado em:

22.10.2016

**Rafael Bellan Rodrigues
de Souza,**

Pós-doutorando no
Centro de Pesquisa em
Comunicação e Trabalho
da ECA/USP, Doutor
em Ciências Sociais pela
Unesp - Araraquara,
Mestre em Comunicação
e Jornalista pela Unesp
- Bauru. É professor
Adjunto do curso de
Comunicação Social -
Jornalismo do Instituto
de Ciências Sociais,
Educação e Zootecnia
(Icsez) da Universidade
Federal do Amazonas
(Ufam). E-mail:
rafaelbellan
@yahoo.com.br

Por uma práxis noticiosa realista: da estética de Lukács ao jornalismo crítico-emancipatório de Genro Filho

Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Resumo

Busca-se neste artigo resgatar a tradição crítico-emancipatória da Teoria do Jornalismo de Adelmo Genro Filho, refletindo sobre sua relação com a estética de György Lukács, propondo, nesta articulação, a construção de uma práxis noticiosa realista. Nesse sentido, iremos evidenciar os aspectos principais do realismo em Lukács, ampliando essa noção para a investigação dos fundamentos do jornalismo. Por meio dessa abordagem realista da notícia, o jornalismo ganha um papel extremamente necessário em tempos de crise, pois se torna uma forma de conhecimento capaz de dissipar a pseudoconcreticidade, alcançando a essência oculta pela fetichização e coisificação da vida material.

Palavra-chave:

Jornalismo; Conhecimento; Realismo.

Abstract

This article rescues the critical-emancipatory tradition of Adelmo Genro Filho journalism theory, reflecting on his relationship with the aesthetics of György Lukács, proposing in this joint, the construction of a realistic news praxis. In this sense, we highlight the main aspects of realism in Lukács, extending this concept to the research of journalism fundamentals. Through this realistic approach to the news, journalism gains a much needed role in times of crisis, it becomes a form of knowledge able to dissipate pseudoconcreticity, reaching the hidden essence of the fetishization and commodification of material life.

Keywords: Journalism; Knowledge; Realism.

Considerado texto fundador de uma Teoria do Jornalismo brasileira, a obra “O Segredo da Pirâmide” infelizmente tornou-se refe-

rência inócua no debate comunicacional brasileiro, isso porque há uma espécie de pasteurização do seu conteúdo, em que especialmente o marxismo do autor é ignorado, evitado e criticado. Isso coloca peremptoriamente a conclusão do estudo – o caráter educativo da produção noticiosa – em evidência enquanto abandona o potencial militante e questionador da tese de Adelmo Genro Filho (2012). Ou seja, há uma absorção epistemológica da defesa do jornalismo enquanto “forma social de conhecimento” e um quase total esquecimento das noções de práxis e do papel do jornalismo na construção de uma sociedade emancipada. Utilizado em Escolas de Jornalismo quase como um manual, torna-se estéril a reflexão apontada no texto sobre o papel desalienador e desreificador do jornalismo crítico emancipatório, débito evidente das reflexões estéticas advindas do pensamento de György Lukács, atribuindo, em mirada debitária de tendências pós-modernas e irracionalistas, um caráter político nulo, ou reformista, a esse marco teórico dos estudos jornalísticos.

Essa filtragem busca aproveitar, principalmente no contexto de crise da profissão decorrente da digitalização da comunicação social – a massa de mídias, na perspectiva de Ramonet (2012) – o debate sobre a relevância do jornalismo como eixo estruturador de conhecimento, visto como indispensável à sociedade. A ideia de que mesmo sendo irmão gêmeo do capitalismo, o jornalismo a ele não se restringe, permite afirmação do valor de uso das notícias em detrimento do seu valor de troca. Para afirmar que a crise da imprensa não pode ser identificada com a crise do jornalismo, as ideias de Genro Filho retornam com muita força. Contudo, falta entre nós, principalmente tendo como ponto de partida o materialismo histórico, intensificar a avaliação de que tipo de jornalismo é possível no sentido de cumprir a mis-

são política e social advogada na obra, e aprofundar, no bojo da reflexão marxista contemporânea, a abordagem de Genro Filho de reconstrução do marxismo, principalmente despertada por um dos principais interlocutores teóricos do pensador brasileiro, o filósofo húngaro Lukács.

Filiando-nos entre os que observam o jornalismo como forma de conhecimento social, nossa proposta visa explorar a relação da estética lukacsiana tanto na composição da teoria marxista do jornalismo proposta por Adelmo, que vemos como extremamente inevitável e atual, quanto na exploração da noção de realismo na compreensão do potencial da práxis noticiosa no combate à reificação¹ do sistema de reprodução sociometabólica do capital (MÉSZÁROS, 2002). Nesse sentido, iremos evidenciar os aspectos principais da teoria estética de Lukács, em especial a ideia de realismo, ampliando essa noção para a investigação dos fundamentos do jornalismo. Isso nos permitirá explorar sua capacidade em permitir uma compreensão mais ampliada da realidade (vista aqui em seu sentido concreto).

Realismo no campo marxista

O debate sobre a arte no interior do marxismo não pode ser compreendido isolado das interações em torno do materialismo histórico². As notas de Marx e Engels sobre arte, cultura e literatura evidenciam suas conexões imanentes com a totalidade, inseridas no desenvolvimento histórico do sistema, em que o tecido social, as relações de produção, e as elucubrações sobre o ser social tornam-se parte de um complexo unitário contraditório, rico em mediações. Trata-se de uma perspectiva humanista radical, pois desnuda a existência do homem em sua materialidade e relaciona economia e estética na produção da vida, polo desenvolvido por um ser automediador da natureza. “Trata-se, porém de interligações e não de determinações mecânicas unilaterais. A estrutura de referência comum é o homem como um ser natural que é ativo a fim de satisfazer suas neces-

¹ “É no modo de produção que universaliza a lógica mercantil – isto é, no modo de produção capitalista – que o fetichismo alcança a sua máxima gradação: nas sociedades em que esse modo de produção impera, as relações sociais tomam a aparência de relações entre coisas. Por isso mesmo, o fenômeno da reificação (em latim, *res* = coisa; reificação, pois, é sinônimo de *coisificação*) é peculiar às sociedades capitalistas; é mesmo possível afirmar que a reificação é a forma típica da alienação (mas não a única) engendrada no modo de produção capitalista. O fetichismo daquela mercadoria especial que é o **dinheiro**, nessas sociedades, é talvez a expressão mais flagrante de como as relações sociais são deslocadas pelo seu poder ilimitado” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 93, grifos do autor).

sidades, não apenas economicamente, mas também artisticamente” (MÉSZÁROS, 2006, p. 174).

O principal sistematizador das ideias de Marx e Engels no campo da arte é o filósofo húngaro György Lukács (1982). Inúmeros estudos apresentam a intrincada trajetória desse expoente do pensamento marxista no âmbito estético, em especial as obras de Tertullian (2008), Frederico (2013), Carli (2012) e Vaisman e Vedda (2014). O realismo como método de criação artística, para ele, é parte da teoria marxista da objetividade, sendo dela derivada. Sua compreensão alude que a realidade não pode nunca ser confundida com sua aparência imediata, como querem os positivistas; jamais pode ser isolada enquanto linguagem, como parte do pensamento pós-moderno³ balbucia; e que sua essência não pode ser percebida pela intuição, como defendem os idealistas. Não é possível romper a unidade contraditória entre aparência e essência e não cabe à consciência substituir a realidade, mas deve-se buscar refletir e refratar a vida do objeto, entregando-se ao automovimento do homem na realidade. “A concepção marxista do realismo afirma que a arte deve tornar sensível a essência. Ela representa a aplicação dialética da teoria do reflexo ao campo da estética” (LUKÁCS, 2009, p. 107).

A teoria do reflexo, que possui lastro milenar na filosofia ocidental, ganha em Marx uma expressão diferenciada, conectada ao materialismo histórico e às definições do ser social, produto e produtor da práxis. Nesse sentido, a definição das formas de conhecimento passa pelo entroncamento da existência do ser social fundamentada pelo trabalho, em que definir a vida humana deve ser sinônimo de “apresentar o objeto a partir dos elementos internos de sua própria constituição, do ponto de vista das determinações que esse objeto sofre para ser o que é” (RANIERI, 2011, p. 127). Não é possível pensar conhecimento, seja na arte, na ciência, no jornalismo, sem compreendermos que é a sociedade (em sua produção e reprodução coletiva da

existência material) a estrutura em que se gera qualquer prática, abstrata ou concreta, desenvolvida pelos seres sociais. Sem a clareza de que somos indivíduos parte de uma totalidade orgânica e processual, perde-se a chance de relacionar o conhecimento da realidade à construção de nossa própria história, o que nos exige posicionamentos humanistas em defesa do gênero.

Para Lukács, o realismo em arte significa, antes de mais nada, o realismo diante da própria vida, isto é, uma predisposição para a objetividade, para a inteligência crítica dos fenômenos e eventos humanos. Defendê-lo é posicionar-se a favor do homem – da razão e da luta emancipatória travada pelo socialismo e pelo humanismo democrático (PATRIOTA, 2010, p. 36).

Falar de realismo exige assumir a compreensão de que a realidade do homem não é dada a priori, enquanto simples fenômeno imediato, algo natural, mas como uma teia complexa, parte de uma totalidade estruturada, constituída pelos homens. No sentido exposto por Vedda (apud LUKÁCS, 2012, p. 15), o realismo implica aceitar que a verdade, no plano teórico e prático, está presente em uma “sondagem das possibilidades de ação latentes na realidade histórica”. Essa significação da realidade sempre é humana, passa pela conexão ontológica entre sujeito e objeto, ou seja, quando a teoria do reflexo ganha espaço nas reflexões lukacsianas, isso não significa ausência de subjetividade ou uma espécie de neopositivismo, muito pelo contrário, o reconhecimento de um mundo fora de nós dá-se na compreensão de que só o ser social humano pode acessar a objetividade.

O homem vive a sua vida individual em um mundo que existe independentemente dele. A práxis humana, portanto, não pode ser nem pura subjetividade, nem pura objetividade. Mesmo o conhecimen-

² Baseamo-nos na definição realizada por Kosik: “O marxismo não é um materialismo mecânico que pretenda reduzir a consciência social, a filosofia e a arte a ‘condições econômicas’ e cuja atividade analítica se fundamente por isso, no desmascaramento do núcleo terreno das formas espirituais. Ao contrário, a dialética materialista demonstra como o sujeito concretamente histórico cria, a partir do próprio fundamento materialmente econômico, ideias correspondentes e todo um conjunto de formas de consciência. Não reduz a consciência às condições dadas; concentra a atenção no processo ao longo do qual o sujeito concreto produz e reproduz a realidade social; e ele próprio ao mesmo tempo, é nela produzido e reproduzido” (2002, p. 124, grifos do autor).

³ “O discurso filosófico da pós-modernidade aparece como uma obra metódica de despolitização do social e de estetização da política. Sob o choque da compressão espaço-temporal ligada à acumulação globalizada do capital, o espaço público se deteriora. As solidariedades se desfazem na decomposição do ‘eu múltiplo’ e nas subjetividades pulverizadas de uma socialização em migalhas” (BENSAÏD, 2008, p. 85).

to mais objetivo é sempre resultado de grandes e originais esforços subjetivos, enquanto a subjetividade só pode tornar-se multilateral e profunda, consistente e fecunda, mediante o conhecimento rigoroso da realidade objetiva (LUKÁCS, 2009, p. 35).

Apontar a arte como reflexo não significa que ela seja uma cópia da realidade, o que tornaria o artista um mero reproduzidor do real. Kosik (2002) auxilia-nos na compreensão adequada dessa categoria. “Toda obra de arte apresenta um duplo caráter em indissolúvel unidade: é expressão da realidade, mas ao mesmo tempo cria a realidade, uma realidade que não existe fora da obra ou antes da obra, mas precisamente apenas na obra” (KOSIK, 2002, p. 128).

Portanto, o reflexo artístico não é mera cópia do real, mas uma transfiguração deste para o mundo próprio dos significados humanos. “A noção de reflexo presente na Estética não descarta jamais o papel ativo da apreensão do real, determinado pela particularidade histórica, pela classe social, pela nação, pelo contexto cultural e pela totalidade da vida individual do receptor” (CARLI, 2012, p. 15).

A dialética entre fenômeno e essência é o ponto nodal da teoria do conhecimento marxista, ao qual a proposta realista da estética lukacsiana é complemento. Ambas as categorias são parte objetiva da realidade social, momentos dela, e expressam que há empiricamente e contingencialmente um determinado grau de expressão da realidade e que, do ponto de vista de leis que regem a totalidade, há essencialidades não capturadas de forma imediata pelos homens. A dialética entre essas duas dimensões não se explicitam por si só, até mesmo porque, como dito anteriormente, o reflexo do mundo na mente do sujeito social só se expressa por meio do pensamento. A realidade objetiva em Lukács não é um agregado caótico de movimentos diversos sem direção, mas um processo dinâmico contraditório de tendências

conectadas a uma central tendência fundamental: a produção material da realidade histórica.

O sentido exato de sua tese não pode ser captado a não ser que se leve em conta que, longe de fazer do reflexo do mundo-em-si, independente da consciência, o *telos* da atividade estética (o que rebaixaria sua concepção do realismo a uma visão niveladamente vulgarizada da relação sujeito-objeto no domínio estético), Lukács, ao contrário, situa a intensificação da consciência de si e a ênfase *sui generis* da subjetividade no centro de sua concepção estética. O movimento circular entre a consciência de si e o conhecimento do mundo, entre o conhecimento de si e o enraizamento na experiência do mundo, entre a interioridade e a exterioridade permanece sua tese cardeal (TERTULIAN, 2008, p. 262, grifos do autor).

O realismo no pensamento de Lukács nunca deve ser entendido como um estilo, ou escola, de arte; para o autor, a postura realista é expressão ontológica da possibilidade de refletir (e refratar) a realidade não em sua empiria imediata, mas em sua expressividade essencial e fenomênica.

Um conhecimento sobre a realidade

Conforme explicitamos, a dialética entre sujeito-objeto na estética lukacsiana manifesta-se na compreensão de que existe uma realidade material independente dos indivíduos, e que ela é possível de ser apreendida, e reconstruída também na narrativa jornalística. “O material do qual fatos são constituídos é objetivo, pois existe independente do sujeito. O conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos” (GENRO FILHO, 2012, p. 195). Longe de positivista, e na esteira da teoria do reflexo leninista, a compreensão é de que há claramente uma subjetividade

nesse processo cognitivo, com especial destaque para a abstração, até mesmo porque a singularidade cristalizada no jornalismo é ponto de chegada, não de partida.

Genro Filho (2012) elabora uma crítica à teoria do reflexo resgatada por Lukács de Lênin (tese de grande lastro na filosofia ocidental), apontando que, no pensamento lukacsiano, ciência e arte refletiriam realidades diferentes; além disso, acusa tal teoria estética de ser antivanguardista e insuficiente para uma reflexão marxista nesse campo. Talvez por não conhecer profundamente as obras de maturidade de Lukács, ou por fazer coro com os que criticam o filósofo húngaro de ser “classicista”, um elitista capaz de algar as virtudes da arte, o teórico do jornalismo brasileiro perde a oportunidade de explorar a noção de realismo, que acreditamos ser um importante campo para pensarmos a práxis noticiosa. A hipótese de que podemos, sim, compreender uma realidade objetiva que existe fora de nós e que, por meio de nossa atividade, podemos transformá-la, é uma contribuição valiosa da teoria do conhecimento de inspiração marxista.

Ao abordar o método realista na produção da arte autêntica, Lukács (1970) evidencia no bojo da teoria do reflexo uma perspectiva de apreensão da realidade objetiva. Nesse sentido, ao conseguir congrega fenômeno e essência e reestabelecer um conhecimento antropomorfizador da realidade, a arte conseguiria catalisar uma elevação do cotidiano, visto que colocaria em contato o homem com o seu gênero. A ciência, enquanto conhecimento desantropomorfizador da realidade também impetraria a desfetichização do real objetivo, refletindo categorias e conceitos capazes de exprimir a totalidade orgânica que perfaz os fenômenos. O jornalismo, dentro de uma proposta realista, pode refletir (e refratar, diga-se de passagem) uma realidade que, longe de empregar as potencialidades formais artísticas imaginadas por um autor, reorganiza uma referencialidade narrativa capaz de evidenciar o movimento da realidade objetiva. Essa

práxis formadora de subjetividades lembra a ciência e a arte, mas seu compromisso é propagar os aspectos imediatos da realidade fenomênica conectada dialeticamente a uma essência compreendida da via consciência prática do mediador.

A apuração jornalística coloca em prática a expressão desse singular, mimetizando a realidade objetiva em uma mediação com a particularidade e apontando, com pistas, suas relações mais universais. O papel do desvendamento do real fenomênico, respeitando o percurso dos fatos com seus precedentes e também as consequências empíricas observáveis emergencialmente, põe em relevo o jornalismo como uma poderosa arma contra a pseudoconcreticidade (KOSIK, 2002). Para isso, o repórter realista precisa partir da aparência fenomênica da realidade objetiva, sem se submeter a ela, ultrapassando-a em sua atividade de descoberta dos condicionantes contraditórios que compõem um acontecimento.

É a prática que pode permitir tal conquista – um singular desreificado – sendo que a postura realista significa o desvendamento da objetividade pela prática humana de investigação das determinações essenciais do mundo. Assim, cabe ao jornalismo realista apresentar a vida do ser em seu processo histórico. O reflexo da realidade captada pelo jornalismo, nesse sentido, é a fusão de fenômeno e essência na construção, via linguagem referencial, de uma objetividade nova, representada com o material singular imediato, na composição de um conhecimento da historicidade humana em sua contraditória jornada.

O lead, epicentro do singular, é a paleta que comporá a obra jornalística, sendo que, ponto de chegada do processo, cultiva uma elevação do cotidiano estranhado dos sujeitos sociais quando, pela novidade e atualidade os cativa, e pela produção realista dos enfrentamentos e condicionantes da “documentação” desse lead, aguça no receptor uma compreensão mais rica dos acontecimentos dispostos em uma totalidade. A práxis noticiosa, portanto, insere o sujeito na trama objetiva da realidade e, articulado

à busca de racionalidade dialética, constrói um produto jornalístico formado por uma narrativa que reflete a realidade sendo refratada na vida cotidiana dos receptores. A ideologia emancipatória (MÉSZÁROS, 2004), a que opta pelo humanismo, perfaz essa práxis, dado que a subjetividade do repórter, ao encontrar a objetividade dos fatos, produz uma nova realidade narrada, pôr teleológico secundário (LUKÁCS, 2013) capaz de esclarecer e desvelar os estranhamentos cimentados na superfície dos fenômenos. Como a arte, espalhando-se pela dinâmica do método realista, o jornalismo possui a capacidade de evidenciar as pulsões de uma sociedade em crise, alimentando as lutas sociais ao permitir o conhecimento do presente, do fervilhar da imediatez de uma história humana em vias contraditórias.

Assim como na estética lukacsiana, ritmo, simetria, proporção e ornamentística são manifestações básicas presentes na realidade objetiva que são desenvolvidas com os recursos próprios da arte, guardando vínculos com o mundo natural (LUKÁCS, 1982); no jornalismo, a relação entre exterioridade e consciência humana se faz pelo reflexo dado via linguagem impessoal, que reflete e simula a apreensão do tempo pelo narrar dos acontecimentos. É uma forma de expressão do tempo dos acontecimentos, caracterizado por um tipo de linguagem que, para além do ritual de objetividade simulada que esconderia os partidarismos (TUCHMAN, 1999), reporta pela sua sensorialidade linguística os fatos selecionados e reconstruídos via narrativa jornalística. Para o receptor, a experiência seria uma encenação da vivência de fatos distantes dele no tempo e no espaço.

Lukács enxerga o realismo como um método de apreensão da realidade, que pressupõe uma atitude do sujeito frente à realidade objetiva:

Isso significa que o conhecimento sobre a realidade histórico-social é sempre comprometido politicamente, pois ele se configura com

certas possibilidades do real e adversários de outras. Se o conhecimento das ciências naturais tende a expressar a objetividade, embora jamais consiga ser exaustivo, o conhecimento da sociedade converge para o momento de mútua criação entre a objetividade e a subjetividade, tendo a práxis como seu verdadeiro critério. Pelo conhecimento da práxis, a objetividade pode ser revelada em seu movimento, como tendências e possibilidades concretas. A subjetividade, então, reconhece-se a si mesma e toma consciência das suas limitações e potencialidades (GENRO FILHO, 2012, p. 196).

Os fatos abordados pelo jornalismo são selecionados e reconstruídos, contudo, essas matérias são objetivas e possuem substância histórico-social constituída. Uma abordagem realista da produção noticiosa deve direcionar-se à revelação dessa substância por meio do descortinamento desses condicionantes, ou melhor, pelo revelar das múltiplas determinações desses fatos, o que permite evidenciar a essência da materialidade. Os fatos não são prontos e acabados, não podem ser transpostos para as notícias isolados de ideologias e visões de mundo: eles escondem sua dinâmica particular e universal e, mais, na reprodução ingênua, não realista, dos acontecimentos, percebemos que sua reprodução atende o senso comum – local conectado ontologicamente à reprodução social capitalista (sua materialidade).

Como afirmamos anteriormente, o alcance da concretude das matérias jornalísticas depende, enquanto práxis noticiosa, da abstração subjetiva capaz de situá-la como parte de uma totalidade histórica e social dinâmica. Todavia, na apresentação formal dos aspectos singulares, o trabalho jornalístico alcança seu devir somente se conseguir reconstituir a conexão entre fenômeno e essência, para além da reificação capitalista, a realidade emergencialmente percebida.

Em uma jornada contra a redução

do jornalismo à mera reprodução da ideologia dominante, Genro Filho (2012), pelo caminho da estética lukacsiana, aponta o papel da ideologia emancipatória para erigir uma forma social de conhecimento nova, pois só com a dialética é possível construir o fato jornalístico em sua riqueza de conexões. Um dos seus mais importantes debatedores esclarece essa problemática:

Todo conhecimento social, e o Jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto-de-vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como Humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um Jornalismo puramente objetivo, ou seja, um Jornalismo que seja absolutamente neutro. Isso não acontece por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda, porque o próprio Jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade. (MEDITSCH, 1992, p. 32).

Esse posicionamento do jornalista proporciona, ao invés de dificultar (como pensam os positivistas), o acesso à objetividade. A ideologia perpassa a construção do conhecimento e pode ser uma arma dos sujeitos históricos quando adquire um caráter emancipatório, ou melhor, quando as ideias gerais que orientam esses indivíduos direcionam-se por visões de mundo transformadoras. Um ponto de vista nitidamente questionador das bases concretas da realidade desperta, quando associado ao rigor intelectual, um potencial desreificador. Um jornalismo realista deve, nesse sen-

tido, revelar “[...] as tendências fundamentais e conexões necessárias que estão com frequência profundamente ocultas sob aparências enganosas, mas que são de importância vital para um entendimento real das motivações e ações humanas das várias situações históricas” (MÉSZÁROS, 2006, p. 178).

Ao realizar o percurso de abstração que busca construir as mediações dos acontecimentos, armado da ideologia emancipatória⁴ capaz de vislumbrar um projeto societário diferenciado, o jornalista, direcionado pela perspectiva realista, pode desnudar o véu da pseudoconcreticidade⁵, a reificação, e auxiliar na construção de uma consciência crítica do mundo.

O que determinará se ele é realista ou não é aquilo que ele seleciona de uma massa de experiências particulares para representar a realidade, histórica e socialmente específica. Se ele for capaz de selecionar particulares humanamente significativos, que revelem as tendências e características fundamentais da realidade humana em transformação, mas – por uma ou outra razão – se contentar com o retrato da realidade tal como ela lhe aparece de modo imediato, nenhuma “fidelidade de detalhe” o elevará acima do nível do naturalismo superficial. (MÉSZÁROS, 2006, p. 178).

A aparência fenomênica do sistema sociometabólico do capital apresenta um grau de reificação de intensidade cada vez mais elevada. A decadência ideológica (LUKÁCS, 2010) ganha nova expressividade e o irracionalismo em voga, cujo contorno pós-moderno assume como verdadeira a pseudoconcreticidade (KOSIK, 2002) do caos imediato dos fenômenos, distancia cada vez mais os homens da essência do real, processo fundamental para o conhecimento da realidade concreta. Por meio da abordagem realista da notícia, apoiada na ideia de conheci-

⁴ “Sendo a ideologia a consciência prática inevitável da sociedade de classes, articulada de modo tal que os membros das forças sociais opostas possam se tornar conscientes de seus conflitos materialmente fundados e lutar por eles, a questão verdadeiramente importante é a seguinte: os indivíduos, equipados com a ideologia da classe a que pertencem, ficarão ao lado da causa da emancipação, que se desdobra na história, ou se alinharão contra ela? A ideologia pode (e de fato faz) servir a ambos os lados com seus meios e métodos de mobilização dos indivíduos que, ainda que não percebam com clareza o que ocorre, inevitavelmente participam da luta em andamento” (MÉSZÁROS, 2004, p. 327).

⁵ O universo da pseudoconcreticidade compreende: “O mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais; O mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da práxis fetichizada dos homens (a qual não coincide com a práxis crítica revolucionária da humanidade); O mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens, produtos da práxis fetichizada, formas ideológicas de seu movimento; O mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens” (KOSIK, 2002, p. 15).

mento singular esboçada em linhas gerais por Genro Filho (2012), o jornalismo ganha um papel extremamente necessário em tempos de crise, pois se torna capaz de dissipar a pseudoconcreticidade, revelando a essência oculta pela fetichização e coisificação da vida material. “Assim, a notícia crítica, que apanha os fatos numa perspectiva revolucionária, constitui a singularidade como algo que transborda sua relação meramente funcional com a reprodução da sociedade” (GENRO FILHO, 2012, p. 198).

Considerações Finais

Uma postura realista na produção noticiosa, vista aqui como uma práxis que reflete e refrata a realidade, coloca o jornalismo em uma posição de importante forma de conhecimento. Quando constituída por uma postura ideológica que coadune com os ideais da emancipação humana, somado a uma capacidade, de inspiração dialética, de busca das contradições sociais, as matérias jornalísticas possuem o potencial de alcançar, ainda que cristalizada nos aspectos singulares do real, uma expressão fenomênica crítica do existente. Ao entendermos a composição dos fatos como expressão fenomênica e historicamente condicionada, resultados das “múltiplas determinações”, e a abstração intelectual (subjativa) que ordena a realidade na narrativa jornalística, torna-se possível uma produção comunicativa capaz de desnudar o véu da reificação.

Pelos limites desse texto, foi im-

possível debater a categoria de cotidianidade em Lukács, e como a notícia realista pode promover a elevação, ou suspensão, do senso comum em direção ao senso crítico, mas acreditamos que os trabalhos de Moretzsohn (2007) o fazem com competência e convergimos com sua reflexão. Vale resgatar aqui o esforço em situar a problemática da desalienação como o motor teleológico da práxis noticiosa. Ou seja, para um jornalismo mais do que necessário na conjuntura atual é fundamental não só o rigor e honestidade desse intelectual orgânico (GRAMSCI, 2011) que é o repórter, mas também um compromisso com uma corrente progressista capaz de vislumbrar os processos sociais para além do estranhamento.

A pirâmide “em pé” de Genro Filho (2012, p. 204) expressa esse processo quando coloca em primeiro plano “os pressupostos ontológicos e ideológicos que orientam a produção da notícia”. São esses determinantes iniciais da práxis noticiosa que garantem o acoplamento da singularidade com suas conexões particulares e, mais, instituem o universal enquanto sugestão e projeção da narrativa construída. Do abstrato ao concreto, do singular ao geral, assim é o conhecimento realista proposto pelo marxismo e adaptado para o trabalho jornalístico. A crise da imprensa jamais pode ser vista como crise desse tipo de conhecimento, sob o risco de abandonar o projeto de apreensão subjativa da realidade concreta, algo indispensável na construção da história dos homens por eles mesmos.

Referências Bibliográficas

BENSAÏD, Daniel. **Os irredutíveis**: teoremas da resistência para o tempo presente. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

CARLI, Ranieri. **A estética de György Lukács e o triunfo do realismo na literatura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos 1916-1935. Org: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade**: escritos estéticos 1932 – 1967. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

LUKÁCS, Georgy. **Estética**. Barcelona: Grijalbo, 1982.

LUKÁCS, György. **Introdução a uma estética marxista**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1970.

LUKÁCS, György. **Lenin**: um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Editora Boitempo, 2012

LUKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano**: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

PATRIOTA, Rainer. **A relação sujeito-objeto na Estética de Georg Lukács**: reformulação e desfecho de um projeto interrompido. Tese de doutorado em Filosofia – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010.

RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo**: das mídias de massas à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RANIERI, Jesus. **Trabalho e Dialética**: Hegel, Marx e a teoria social do devir. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács**: etapas de seu pensamento estético. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1999.

VAISMAN, Ester e VEDDA, Miguel (Org). **Estética e Ontologia**. São Paulo: Alameda, 2014.